

CENTRAL DO BRASIL

Central do Brasil, 8 horas da manhã. Trens despejam milhares de passageiros nas plataformas da estação. Ali se cruzam os caminhos da população suburbana carioca. Em torno da estação, cria-se um circo improvisado onde camelôs e todo o tipo de biscateiros vivem de pequenos negócios com a gente igualmente pobre à caminho do trem. Numa barraca, arremedo de clínica dentária, experimentam-se dentaduras que bóiam numa bacia. Em outras, quem não tem mais o que vender dispõe seus últimos pertences: o frasco de perfume pela metade, o sabonete, o porta-retrato. No meio da confusão, alguém forja documentos colando novas fotografias em carteiras de identidade.

Ouve-se a voz de uma mulher com um pronunciado sotaque nordestino: "Jesus, você foi a pior coisa que já me aconteceu". Uma multidão se empurra para entrar no vagão. Algumas pessoas pulam pela janela. "Gente ruim como você não merece Moisés nem Isaías. A única coisa que eu gostaria é nunca mais ter que te ver na minha frente". Uma mão segue escrevendo com caligrafia rebuscada sobre a folha de papel de carta.

Aparece a mulher de Jesus, quarenta e poucos anos. Ao lado da mulher, um filho silencioso de oito anos está concentrado no manejo de um pião de corda, que rodopia espetacularmente no chão. Ao contrário dela, arisca e desajeitada, ele dá uma impressão de serenidade.

Os dois estão ditando a carta para Fernanda, uma mulher de uns sessenta anos, sentada numa mesinha portátil armada na saída da estação. Mais atrás, outras pessoas aguardam sua vez na fila para uma sessão com a escriba.

O mau humor imanente, os cabelos meio despenteados e as roupas que usa, desleixadas, quase masculinas, tornam claro que Fernanda não se preocupa em se mostrar atraente.

O pião do menino vai parar no pé de Fernanda. Ao se agachar para pegá-lo, ele esbarra na mesa e derruba alguns lápis. Fernanda se esforça para não perder a paciência e a cliente.

Falando cada vez mais alto, a mulher continua seu monólogo para o deleite da platéia atrás dela: "tu merecia era morrer com a boca cheia de formiga...". O filho a puxa pela mão e a olha, desaprovador. Ela diminui o tom para prosseguir: "Mas não foi pra dizer essas coisas que eu tou te escrevendo, é que necessito de dinheiro para levar seu filho Jeová ao médico..."

A mulher interrompe a narração. Pergunta para Fernanda se está sendo muito brava. Fernanda, impaciente, ignora a pergunta e pede para a mulher se apressar. A mulher, choraminguenta, resolve então iniciar um relato de suas desventuras. Pondo um fim definitivo àquilo, Fernanda pergunta a mulher se ela quer pagar pela página escrita ou pelo trabalho completo, que inclui o envio da carta. A mulher retira um bolinho de dinheiro rasgado de dentro da bolsa, conta lentamente e opta por dar a carta para Fernanda colocar no correio.

Fernanda comenta com a próxima cliente da estupidez de certas mulheres como aquela, que ficam correndo atrás de homem. Para seu constrangimento, o caso da outra é parecido.

Personagens diversos se sucedem. Histórias de famílias e amores dispersos, perseguindo rastros que vão se apagando em meio à miséria. Fernanda continua intercedendo no conteúdo das cartas, direcionando e, muito a contragosto, atuando como conselheira. Encerrado o expediente, ela desarma sua mesinha e toma o trem.

Passo arrastado, ela caminha para o bloco do conjunto residencial de classe média baixa onde mora no subúrbio. Na escada, cruza com um homem que vem descendo e a olha com curiosidade.

O interior do apartamento, impecavelmente arrumado, os sofás novos cobertos com capas de plástico, contrasta com a desolação de fora. Uma mulher na casa dos quarenta, Marília, bem maquiada e metida num tuhinho decotado, está tirando os brincos de argola, enquanto espia a outra abrir a porta. Fernanda, com uma ponta de

ironia, diz que espera que ela tenha tido um ótimo dia. Marília, meio sem jeito, afirma que o dia foi péssimo e enumera suas agruras. Como se isso fosse de alguma forma uma desculpa.

Fernanda faz alusões mordazes quanto a um possível homem que teria estado ali. Marília fica inexplicavelmente desconcertada. Diz que vai sair, mas Fernanda argumenta que é noite das duas cozinhereiras os congelados de que são sócias. Marília, acuada, se rende. Fernanda interroga Marília sobre umas latas de cerveja que encontra na geladeira.

Enquanto começam a preparar os congelados, Fernanda faz algo inesperado: lê as cartas que deveriam ser enviadas para o correio. Num julgamento sumário, para o horror de Marília, decide-se o destino das cartas. Aos poucos, Marília vai entrando na brincadeira e opinando quanto ao veredicto dos casos. Há três tipos de sentença para as missivas: o correio (para as imprescindíveis), o lixo (para as desnecessárias) e a gaveta (para os casos polêmicos, em que não há consenso entre as duas juradas).

Uma das cartas lidas é a da mãe de Jeová. Marília se mostra excepcionalmente tocada com a história daquela criança longe do pai e logo a proclama entre as imprescindíveis. Fernanda debocha do sentimentalismo da outra e faz menção de rasgar a carta. Diz que vai ser muito melhor para o menino se criar longe do pai imprestável e bêbado. A questão parece calar fundo às duas. Marília, num rompante, diz que pra ela chega daquilo e que vai sair. Fernanda volta atrás. Condescendente, joga a carta problema na gaveta do purgatório. Com isso, Marília fica.

Central do Brasil de manhã. Um pião gira no chão. Para o desagrado de Fernanda, a mãe e o menino estão na fila de novo. Arrependida por ter sido tão rude na outra carta pedindo logo dinheiro, a mulher ensaia um novo texto para seu homem: "já que tu gasta todo dinheiro mesmo em cana, vê se pelo menos aparece pra visitar o seu filho Jeová...". O menino continua rodopiando o pião, o que atrapalha a concentração de Fernanda. Já que a mãe não toma nenhuma iniciativa para reprimir o rebento, Fernanda o

encara com raiva. Ele sustenta o olhar, como que se sabendo vencedor naquela pequena disputa.

"Como você não deve ter mesmo onde ficar por aqui o jeito é você ficar mesmo em casa...". A mulher pára de ditar e começa a choramingar de novo. Diz que está morrendo de saudades do marido, que agora está trabalhando e alugou um quartinho que tem espaço extra para recebê-lo. Pergunta como Fernanda faria. Num último esforço para se controlar, Fernanda rasga o papel, retira uma folha do montinho e começa ela mesma a ditar enquanto escreve: "Desculpe a outra carta. Eu e Jeová sentimos muito a sua falta, por que você não aparece para nos visitar...". Terminada a sessão, a mulher opta novamente por pagar mais para Fernanda despachar a carta. O menino desafiadoramente diz para a mãe que Fernanda pode ficar com o dinheiro e nem botar a carta no correio. Fernanda o fuzila com o olhar. A mãe pede desculpas, paga e vai embora.

Os dois se dirigem para a rua, o menino seguindo um pouco mais atrás. A câmara fica com Fernanda, que vê os dois se distanciarem. Subitamente, ouve-se uma freada brusca, um barulho surdo, gritos, pessoas que acodem correndo. Embaixo de um ônibus, o corpo da mulher atropelada. Logo se forma uma pequena multidão. Alguns gritam, incriminando o motorista. Atordoado, Jeová permanece em silêncio. No meio da confusão de gente se acotovelando, ele vai sendo jogado para longe do corpo da mãe. Ninguém termina por associá-lo à mulher atropelada. Ele ouve alguém comentar que aquela mulher já era.

Finalmente, a mulher é socorrida e colocada no ônibus, que parte correndo para um hospital. Fernanda pergunta se a moça vai sobreviver. Um guarda da estação garante que ela está morta.

Desfaz-se o círculo de curiosos. A entrada da estação volta à normalidade. Próximo ao meio-fio, tonto, Jeová olha apavorado à sua volta. O seu olhar acaba pousando no único ponto conhecido: Fernanda. Distraída com a narrativa de um cliente, ela custa a notá-lo. Por fim vê a criança e abaixa os olhos covardemente. O menino se afasta dali e vai se acomodar embaixo de um vão das escadarias.

Fernanda mais uma vez desarma a mesinha, recolhe seus apetrechos e vai tomar o trem. De longe, Jeová a segue timidamente, cruzando o saguão principal da estação. Consegue passar na roleta junto com alguém. Fernanda entra no trem, que apita dando sinal de partida. Não percebe a figura estática do menino na plataforma, em frente ao vagão onde ela está. Novo apito. As portas se fecham. Jeová finalmente chora e, num impulso, avança perigosamente até a beira dos trilhos. O trem parte.

O sol nasce refletido nos trilhos da Central. O pião do menino rodopia pelo chão. Totalmente apático, numa atitude quase autista, Jeová maneja o brinquedo sem parar. Fernanda se prepara para atender os clientes que já fazem fila. Passado um tempo, ela vai comer um lanche num dos bares da estação e descobre Jeová dormindo atrás de uma pilastra. Caminha até lá e o acorda. Convida-o para comer um sanduíche. Ele estoicamente devolve que não tem fome e pede licença para ficar sozinho. Ela não discute, volta para o bar e continua a mastigar seu succulento sanduíche na frente dele.

Ele se levanta e começa a andar por ali, fingindo ignorá-la. Fernanda conversa alguma coisa com uma garçonete. No caixa, Jeová retira portentoso sua carteira do bolso e pede bem alto um sanduíche. O homem diz o preço e ele abre a carteira. Para sua decepção e vergonha, só possui uma pequena parte do dinheiro. Fernanda cutuca a garçonete, que acena para o menino. A mulher explica para ele que a casa teria muita honra em poder lhe oferecer um sanduíche. Ele, principesco, consente. Surge um americano duplo. Após examinar detidamente o prato, devolve a comida. Diz que não come presunto. A garçonete olha para Fernanda, que balança a cabeça positivamente. Retira o prato e reaparece com um novo sanduíche que Jeová devora num segundo.

Fernanda volta ao trabalho e Jeová fica rondando nas imediações. No final do dia, ela acaba decidindo convidá-lo para passar a noite em sua casa. Ele diz que está esperando pela mãe. Sem rodeios,

Fernanda esclarece que não adianta esperar por que sua mãe está morta. Após pensar bem, ele vai junto com ela.

Marília se surpreende com o convidado inesperado de Fernanda. Em particular, Fernanda conta a ela o drama do menino e diz que no dia seguinte vai entregá-lo ao Juizado de Menores.

Jeová e Marília logo se entendem. Durante o jantar, as duas riem das perguntas mais que diretas de Jeová e do seu jeito senhorial. Jeová pergunta se elas também brigaram com seus maridos como sua mãe. Fica sem resposta. Marília quer saber se Jeová tem lembranças do seu pai. Ele diz que lembra do velho fazendo um brinquedo de madeira. O menino areja o ambiente confinado do cotidiano das duas mulheres.

Fernanda e Marília vão lavar a louça, enquanto Jeová perambula pela sala. Marília pergunta a Fernanda se ela vai ter coragem de levar embora o menino. Fernanda nem responde. Jeová aproveita para xeretar: remexe nos objetos na estante e abre as gavetas. Numa delas, acha o monte de cartas. Bem em cima, está a carta para seu pai em Bom Jesus da Lapa. Fernanda volta da cozinha e o flagra. Irritada, pergunta o que ele está fazendo. Em resposta, ele acena com a carta. Ela enrubesce. Adianta que ainda não teve tempo de botar todas aquelas cartas no correio, mas que ia fazê-lo no dia seguinte. Jeová entrega solenemente a carta para Fernanda e junta-se a Marília na cozinha.

Ele dorme no sofá. De manhã, Marília, escondendo a tristeza, o acorda para um caprichado café da manhã. Fernanda pede para ele se vestir e os dois partem.

Eles tomam um táxi. Jeová pergunta para onde estão indo. Fernanda responde que "ele é que vai para um lugar ótimo". O táxi pára em frente a um prédio em Copacabana. Ela paga e sai do táxi. Jeová permanece dentro, sem entender o que está se passando. Ela o chama, estendendo-lhe a mão. Confiante, ele vai com ela.

Eles sobem no elevador antigo em silêncio. Fernanda confere o número na porta e aperta a campainha. Uma mulher de meia

idade, excessivamente sorridente, abre a porta. "Você é que é a Fernanda? O Pedrão me avisou que você vinha. Vai entrando. Ele disse que te conhece da Central...". Na sala, duas crianças pequenas se divertem com uma infinidade de brinquedos esparramados pelo chão. Na parede colorida, posters do Garfield e da Xuxa. Se esforçando para parecer simpática, a mulher não pára de falar, mas não tira os olhos de Jeová. Chega junto dele e o abraça. Se aproveita da proximidade para poder examiná-lo de perto. No meio da brincadeira, pede para ele ser mal educado e botar a língua de fora. Jeová, meio sem jeito, faz o que a mulher pede. Fernanda não gosta daquilo. A mulher pergunta se ele "curte" videogame e o conduz até um canto da sala onde está um Atari. Também pergunta se ele quer sorvete. Jeová recusa e pede para ir ao banheiro.

A mulher se junta a Fernanda na cozinha. Fernanda quer saber detalhes do destino do menino. A outra não esclarece os pormenores, mas garante que Jeová dentro de poucas semanas estará morando com sua nova e exemplar família estrangeira. No banheiro, Jeová aproveita para xeretar nas gavetas. No fundo de uma, atrás de um rolo grande de algodão, descobre uma arma. Não ousa tocá-la.

Na cozinha, a mulher, querendo encerrar a conversa, retira do bolso um envelope. Pergunta a Fernanda se o Pedrão também disse a ela a quantia que seria paga pela criança. Um homem, que devia estar num dos quartos, aparece e vai se servir de água. Fernanda diz que o combinado foi mil dólares. A mulher lhe entrega o envelope, confirmando ter ali essa quantia.

Fernanda é levada até a porta. Acena e dá adeus a Jeová. Ele sequer a olha. Continua jogando o videogame. Fernanda deixa o apartamento. A mulher, em meio a mais sorrisos, bate a porta atrás dela.

Fernanda chega em casa carregando um videocassete. Marília estranha a compra cara. Fica perguntando por Jeová. A outra responde laconicamente que o entregou ao juizado. Está ansiosa por instalar o vídeo e assistir à fita que já alugou. Marília, suspeitando de algo, persiste num interrogatório sistemático

quanto à compra do aparelho e à entrega do menino. Fernanda acaba explodindo e lhe revela a verdade. Marília, chocada, lembra que leu no jornal que a venda de crianças brasileiras para famílias no exterior às vezes serve de pretexto para comercialização dos seus órgãos. Fernanda diz que isso é loucura. Marília vai no quarto e volta com o jornal com a matéria sobre o tráfico, onde está estampada uma fotografia de uma criança sem um dos olhos. Apesar de impressionada, Fernanda sustenta que isso é um absurdo.

Marília joga o jornal no sofá e sai de casa batendo a porta, contrariando a companheira que queria ficar em casa de novo fazendo os congelados. Fernanda pega o jornal e fica no apartamento a sós com seus pensamentos. Se lembra de Jeová sendo examinado pela mulher, pondo a língua pra fora.

E manhã. Fernanda sua frio, enquanto acaba de se vestir. Corre até a área de serviço e retira do lixo um monte de cartas, que debulha, rasga, catando várias fotos 3X4 de crianças. Acha também a carta para Jesus, em Bom Jesus da Lapa. Desce e toma de novo um táxi.

Salta na frente do mesmo prédio em Copacabana. A mulher abre a porta, desta vez séria. Fernanda diz que vem propor a venda de novas crianças e que trouxe fotos. Entrega o envelope com as fotografias à mulher. Na sala, não há ninguém. A mulher diz que no momento não está mais precisando de crianças. Mas que de qualquer jeito é pra ela esperar, que ela vai mostrar as fotografias ao sócio dela lá dentro.

Fernanda vê a mulher entrar na primeira porta à esquerda no corredor. Decidida, entra no corredor e pára diante da primeira porta à direita. Contendo a respiração, abre-a devagar. É um quarto vazio, cheio de brinquedos. Penetra mais no corredor. Uma nova porta aberta. Um banheiro. Na terceira porta, descobre um quarto escuro, onde uma criança dorme. Fecha a porta atrás de si. Para seu alívio, descobre que é mesmo Jeová. Acorda-o.

Jeová reage mal à sua presença. Pergunta o que ela está fazendo ali. Fernanda conta que vai fugir com ele, que ele corre perigo. Ele

diz que é mentira e que não vai de jeito nenhum, pra ela sumir porque ele não confia nela e nunca mais quer vê-la. Ela escuta barulhos no apartamento. Tenta puxar o menino, mas ele grita. Ameaça chamar a mulher. Ouvem-se novos barulhos. Ela desiste de arrastá-lo e vai até a porta. Olhando pela fresta, vê a mulher alarmada procurando por ela na sala. A mulher grita o nome do homem.

Num pulo, Fernanda se enfia no banheiro em frente. Enquanto a mulher e o homem entram no quarto de Jeová, ela corre até a porta de entrada. Está trancada. Ela enxerga a chave pendurada num cabide. Nervosa, quase não consegue enfiar a chave na fechadura, quando é segura pelo pescoço pelo homem que já vinha vindo atrás sem que ela tivesse reparado. O homem grita para a mulher pegar a arma na gaveta do banheiro. A mulher aproveita para xingá-la, diz que ela agora vai se dar mal.

Jeová aparece na sala apontando a arma. O homem diz para a mulher tirá-la das mãos dele, que ele não sabe atirar. Ela diz para Jeová lhe dar a arma. Ele nada responde. Ela avança em sua direção. Em resposta, Jeová dá um tiro na janela, espatifando o vidro. A mulher recua. O homem larga Fernanda e pede para Jeová largar a arma. Fernanda grita para ele não largar a arma e atirar no homem se ele tentar tirar a arma dele. Jeová é senhor da situação, enquanto os outros três continuam tagarelando instruções contrárias. Fernanda o encara e, cautelosamente, avança na sua direção. Concentrado, ele mira bem na cabeça dela. A mulher grita pra ele estourar os miolos de Fernanda. Fernanda pega a arma da mão da mão do menino, sem dar tempo de reação aos outros dois.

Fernanda prende o homem e a mulher num quarto. Pergunta a Jeová se ele vem com ela. Sem dizer nada, ele a acompanha. Eles saem do apartamento e descem no elevador. O homem arromba a porta do quarto. Já na rua, Fernanda acena para um táxi, que faz menção de parar, mas depois arranca à toda. Pessoas que passam também desviam olhando assustadas para ela. Só então ela repara que ainda está segurando a arma. Rapidamente, a enfia na bolsa.

Eles tomam um táxi. Fernanda diz seu endereço. Vai tirar um lençinho da bolsa para enxugar sua testa e esbarra na arma. Fica petrificada. Aquilo a faz reviver os últimos momentos que passou. Manda o motorista seguir para a rodoviária. Jeová parece ausente.

Chegando na rodoviária, ela vai até um guichê e compra duas passagens para Bom Jesus da Lapa. Resolve telefonar para Marília. A princípio pergunta se ela entregou direito todos os congelados. Começa a dar mil recomendações quanto a detalhes da administração da casa. A outra depreende que algo se passou e que Fernanda vai se ausentar por um bom tempo. Aos poucos, Fernanda, controlando a emoção, vai contando o que aconteceu. Diz que vai ao Nordeste devolver o menino ao pai. Marília vibra. As duas se despedem, Marília emocionada e Fernanda irritada com a emoção da outra e com a sua própria.

Quando ela acaba o telefonema, Jeová emerge de um longo silêncio dizendo que não quer ir com ela. Principalmente porque não gosta dela. Pretende ficar no Rio para trabalhar no comércio. Ela desaba numa cadeira, já sem forças. Ele começa de novo a rodopiar o pião. Num último esforço, ela põe na mão dele o bilhete e diz que, se ele pensar melhor, é só entrar no ônibus antes da hora da partida.

Ela segue andando sozinha pela estação sem olhar pra trás. Passado um tempo, ele pára de brincar com o pião e acaba indo, sem muita convicção, na direção dela. Ao descer as escadas, ela se vira discretamente para trás, mas ele, percebendo, se esconde entre um grupo de pessoas. Ela entra no ônibus. Na plataforma, ele se exhibe rodopiando o pião para ela na janela do ônibus. O motorista liga o motor e fecha a porta. No último momento antes do ônibus partir, ele corre, bate na porta e entra. Como se não a conhecesse, se senta a seu lado e os dois iniciam a viagem.

Fernanda está cansada. Seus olhos vão se fechando à medida que termina a cidade e começa o campo.

O ônibus pára num posto-restaurante. No bar, vemos o motorista comendo um enorme sanduíche, uma imagem que se repetirá a

cada parada do ônibus. No balcão, Fernanda compra duas garrafas de água.

De novo na estrada. Fernanda dá alguns goles da garrafa que comprou. Começa a falar. Seu humor rapidamente muda. De irascível, vai se tornando afável. Conta uma história de sua vida que faz Jeová rir. Surge um início de cumplicidade entre eles.

Fernanda se levanta e vai ao banheiro, deixando a garrafa no porta volumes defronte a seu assento. Jeová aproveita para beber da garrafa. Fernanda retorna e em pouco tempo cai num sono profundo.

Fernanda acorda com os gritos de alguém. Avista Jeová caminhando trôpego no corredor empunhando a arma que ela tinha guardado na bolsa. Corre até ele no meio da confusão de gente acordando e arranca a arma da sua mão. O menino cai no chão. As pessoas percebem o estado de embriaguez de Jeová e passam a insultar Fernanda por ter embebedado a criança. Ela se defende, até que percebe o estado dele e o leva para o assento. Joga a arma pela janela. A garrafa de água, na verdade cheia de vodka, está bem mais vazia. Tomada de culpa, joga a garrafa fora. Acomoda Jeová em seu ombro e o faz dormir.

Madrugada. O ônibus chega na rodoviária de uma cidade onde vai se deter por alguns minutos. Jeová está dormindo com a cabeça encostada no ombro de Fernanda. Ela carinhosamente remove a cabeça dele e a pousa em cima da mochila. Olha com afeição a face tranqüila do menino dormindo. Num gesto brusco, como se tivesse que agir rápido antes de mudar de idéia, retira o maço de notas altas do dinheiro remanescente e põe a maior parte na já conhecida carteira de Jeová. Reflete bem, tira um pouquinho. Levanta-se, vai até o motorista, lhe entrega um bilhetinho com o nome e endereço do pai de Jeová anotado e lhe dá umas notas do dinheiro. Dá instruções para desembarcar o menino em Bom Jesus da Lapa. Desce do ônibus.

Ela anda pela rodoviária, vai até o guichê e compra uma passagem para o Rio. Senta-se num bar em frente às plataformas dos ônibus e pede uma cerveja. Um pouco emocionada, entre um

gole e outro, observa o ônibus em que vinha com o menino partir. Ao se virar para pedir a conta, descobre Jeová sentado numa mesa ao lado. Ele, como sempre, finge não notá-la. Ela ri. Logo depois, fica estatelada. Caminha até ele e pergunta se ele trouxe sua pequena mochila. Ele não responde. Ela grita que tinha posto a maior parte do dinheiro lá. Histérica, diz que ele não podia ter largado a bolsa no ônibus. Corre, tenta ver se o ônibus ainda está ao alcance da vista na estrada. Só vê a poeira levantada pela passagem do veículo. Inconsolável, desiste. Se senta no chão, num canto da rodoviária, e enfia a cabeça entre as pernas.

Amanhece. Jeová dorme encostado num canto. Um ônibus parte dando uma leve buzinação. Fernanda, sentada num banco próximo ao menino, sai de seu estado de torpor. Levanta-se, caminha até Jeová e o cobre com seu casaco. Assume uma expressão decidida. Vai até o guichê e gasta seus últimos tostões na compra duas passagens para Bom Jesus da Lapa. Lembra-se de sua passagem para o Rio. Tenta vendê-la, mas não consegue: o ônibus que ia pro Rio foi o que acabou de partir.

O dia acaba de nascer. Eles partem num ônibus bem pior que o anterior. Jeová e Fernanda não se falam, um mais carrancudo que o outro. O banco ao lado é ocupado por um homem de boa aparência e ar jovial, meticulosamente arrumado, o cabelo com gumex repartido, que fica reparando nos dois. Jeová acaba adormecendo e pousando de novo a cabeça no ombro de Fernanda.

Fim de tarde no Sertão. O ônibus pára rapidamente para a entrada e saída de alguns passageiros. Ambulantes se atropelam para vender às pessoas nas janelas todo tipo de coisa: jandaias (papagaios), mel, galinhas, melancias inteiras. O homem sentado lado pega uma jandaia pela janela e brinca com ela para o encantamento de Jeová. Se apresenta: César. Pergunta a Fernanda para onde eles estão indo. Ela responde que para Bom Jesus. Sabendo ser a época da romaria, ele pergunta se ela está indo pagar promessa. Ela hesita e acaba dizendo que sim. César, que parece ser algum tipo de crente, comenta que está admirado que alguém vindo do Rio de Janeiro não seja macumbeiro.

Fernanda não dá muita trela ao proselitismo religioso do sujeito. Pede licença, salta do ônibus e caminha até um telefone público.

Fernanda liga para Marília, que atende esbaforida e vai logo dizendo que está com saudades. Menos seca, Fernanda admite também estar sentindo falta da amiga, sem dar margem, porém, à pieguice da outra. Marília pergunta por Jeová. Fernanda pede que ela descubra como mandar dinheiro para ela em Bom Jesus da Lapa. Marília quer saber o que está acontecendo. O motorista buzina repetidamente. Fernanda diz que tem que desligar e Marília manda um beijo para Jeová.

Fernanda corre para o ônibus, que logo parte sacolejando pelas estradas esburacadas. Jeová pergunta a ela se estava falando com Marília. Ela confirma. Jeová a interroga sobre ela e Marília: por que elas não têm filhos, nem maridos. Não entende por que ela nunca se embeleza, nunca passa batom. Fernanda responde sempre de maneira evasiva ou dúbia. Mesmo assim, acaba revelando alguns detalhes da relação esquisita das duas mulheres.

No ônibus, a maioria dos passageiros come as comidas dos seus farnéis. Jeová quer saber por que eles não compram nada para comer. Ela explica que eles tem que economizar porque o dinheiro está acabando. Ele a encara ressentido. Ela diz que ele deveria ser mais agradecido por ela estar lhe fazendo o enorme favor de levá-lo de volta para o pai, ao invés de deixá-lo num orfanato ou na Funabem. César, de olho em Fernanda e Jeová, nota que eles não comem nada. Vai até eles e oferece biscoitos. Fernanda imediatamente aceita. Eles devoram quase o pacote inteiro, enquanto ela se esforça para conversar com o companheiro de viagem.

Anoitece. O ônibus segue nas retas intermináveis da terra plana e seca. Na beira da estrada, está acampado um grupo de lavradores com jeito de quem nunca viu luz elétrica. Sem assunto, eles parecem estar à espera de algo. Quando o ônibus passa chispando, eles, felizes, aplaudem. Terminada a sessão, rapidamente recolhem acampamento e voltam pra dentro do mato.

César explica que a diversão daquelas pessoas é ver o tráfego de veículos à noite. Ela quer saber o motivo. Ele diz que simplesmente não há nada mais o que fazer por ali.

Um vilarejo. Um punhado de casinhas cercadas pela imensidão ensolarada da caatinga. O calor de meio-dia é infernal. O posto de parada é um pouco maior que os outros. O motorista do ônibus tem um esquema de comer de graça em troca de deixar os passageiros pastando e consumindo um longo tempo naquele lugar sórdido. Ele come um farto prato com carne, arroz, feijão, ovo e farinha. Jeová e Fernanda, sem dinheiro e nada para comer, ficam assistindo o homem se empanturrar.

Fernanda vai pra dentro do ônibus. Jeová passeia num mercadinho perto da parada. Se aproveitando do fato de que o dono da birosca está se engraçando com uma freguesa jovem, ele vai enfiando pra dentro da camisa o que está ao seu alcance nas prateleiras: pacotes de biscoitos, frutas, maionese. Escapole sorrateiramente.

Ela vai se juntar a Fernanda no ônibus. Oferece a ela o produto do pequeno delito. Ela lhe dá um beliscão, repreendendo-o, e põe as comidas dentro da bolsa. Diz que vai já devolver aquilo. Sai do ônibus e vai até o mercadinho.

César está conversando com o dono da birosca. Fernanda o cumprimenta e vai passear pelas prateleiras. Ao invés de devolver as mercadorias, aproveita para afanar ela mesma uns iogurtes. Dessa vez, o homem, mesmo entretido com a conversa de César, percebe o furto. Quando ela se aproxima, ele pede para ela abrir a bolsa. César, chocado, se põe do lado dela e diz ela é amiga dele e que não vai permitir semelhante humilhação. O dono da birosca, que pelo jeito é velho conhecido de César, resolve recapitular e deixar por isso mesmo para evitar amolação. Diz que deve ter enxergado mal e, irônico, pergunta a Fernanda se ela não vai levar nada. Fernanda devolve que ali não há nada de qualidade para comprar.

Ela volta para seu lugar no ônibus. Jeová remexe na bolsa dela e tira os iogurtes. Ela diz que pagou pela comida com seus últimos

tostões. Ele diz para ela parar de mentir pra ele. Sem disposição para discutir, Fernanda desiste de tentar vencê-lo e come.

O ônibus segue seu caminho. César vem oferecer mais biscoitos e flagra os dois comendo os restos da comida que Fernanda roubou. Ela diz que encontrou umas comidas que a avó de Jeová tinha posto na mala dele. Jeová a puxa pela mão repreendendo-a, da mesma forma como fizera com sua mãe na Central. Fernanda oferece um iogurte e César acaba aceitando. Ele pergunta mais sobre Fernanda. Ela conta que é professora aposentada e que faz congelados para ajudar nas despesas. Diz que há muito tempo planeja pagar essa promessa com o sobrinho. Ele é atencioso e delicado no modo de tratar Fernanda e Jeová, por quem aliás demonstra profunda simpatia. Revela que é advogado e vai a Bom Jesus assinar uma escritura para um cliente. Ela, por sua vez, também começa a se interessar por aquele homem inocente, que é tão diferente da gente malandra com que ela convive na Central. Os três ficam um instante em silêncio, um silêncio amistoso. Subitamente, um choque. O ônibus bateu em alguma coisa.

Uma vaca tinha se atravessado no meio da estrada. O ônibus está seriamente danificado, não tem condições de continuar. Os passageiros já saem para esticar as pernas e bater papo na estrada.

Algum tempo depois, César faz parar um caminhão lotado de romeiros indo para Bom Jesus. Conversa qualquer coisa com o motorista e depois vem falar com Fernanda que conseguiu lugar para os três no caminhão.

No interior do caminhão, os romeiros, abrigados sob uma grande lona, improvisam uma verdadeira habitação coletiva naquela espécie de tenda árabe. Famílias dormem juntas em redes, outros cozinham num fogareiro. Quando o ônibus parte começam todos a cantar as "benditas" (canções de romaria), o que parece incomodar César. Assumindo que é mesmo crente, ele diz que respeita o catolicismo, mas que detesta as romarias, que o fazem lembrar da macumba.

Poucos minutos depois, o caminhão entra numa picada e pára. É a hora do banho. Fernanda se impacienta, não vê o momento de chegar. Acaba indo com todo mundo até o açude. No meio do caminho, os homens dobram pra direita e as mulheres pra esquerda.

Jeová se refestela na água. César aproveita para brincar e passar xampu na cabeça dele. Pergunta pro menino qual é a promessa que ele veio pagar com a "tia". Jeová diz que é pro marido dela. César parece decepcionado.

O sol começa a se pôr na beira do açude. Fernanda decide entrar na água num ponto a uma certa distância do resto das mulheres, que retomaram as cantorias da romaria. Absorta, deixa seu corpo ir submergindo aos poucos. Desaparece dentro d'água. Quando volta à tona, seu rosto tem uma expressão tranqüila. Pela primeira vez, parece ter relaxado.

O caminhão vara a noite radiante de lua cheia. César se acomoda ao lado de Fernanda e Jeová. O resto dos romeiros já adormeceu. Enquanto dorme, Fernanda se vira e, sem querer, acaba se apoiando em César. Incomodado com aquilo, Jeová a acorda. Reclama do frio. Ela o cobre com seu casaco. Ele continua a reclamar. Mal humorada ela o abraça para aquecê-lo.

Amanhece em Bom Jesus da Lapa. Caminhões lotados de romeiros chegam a todo momento. Estacionados na saída da cidade, os caminhões criam, da noite pro dia, uma outra cidade nômade. Um labirinto de bares e boates improvisados, fliperamas e circos que dão uma nota profana à festa religiosa.

César desce do caminhão junto com Fernanda e Jeová. Eles caminham juntos, conversando até a entrada da cidade. César aponta o hotel em que vai ficar e diz que, se quiserem, podem passar lá depois. Fernanda tira a carta do bolso e pergunta onde fica a rua. César indica o caminho e eles se despedem.

Fernanda telefona para Marília querendo saber se ela conseguiu e viar o dinheiro. Vitoriosa, Marília diz que o dinheiro já deve estar

esperando por ela em Bom Jesus do Itabapoana. Estupefata com a confusão de Marília, Fernanda apenas bate o telefone.

Num mercado, Fernanda e Jeová, já assumidamente cúmplices, fazem um pequeno saque a iogurtes e biscoitos, comendo-os lá mesmo.

Fernanda força caminho em meio às ruelas apinhadas de gente, camelôs, os autofalantes despejando músicas diferentes para completar a zoeira. Chega na frente de uma casa e confere o número da porta com o endereço escrito na carta. Bate palmas para se anunciar. Surge lá de dentro uma matrona simpática, que vai logo mandando eles entrarem. Acomoda-os no sofá, oferece água. Fernanda pergunta por Jesus. Ela diz que ele já deve estar chegando. A velha se senta numa poltrona e retoma o crochê interrompido. Puxa papo sobre a romaria. Crianças entram brincando na sala. Jeová as observa. Fernanda olha melancólica para Jeová, antevendo a separação iminente dos dois.

Um homem de meia idade entra na casa. A velha acena para Fernanda, que se levanta e o cumprimenta. Vai logo dizendo que trouxe seu filho. Ele diz não ter conhecimento de nenhum filho morando no Rio. Fernanda pergunta se ele se chama Jesus. Ele ri. Diz que se chama Jessé e que Jesus era o nome do antigo morador da casa. Conta que o tal Jesus, um bêbado contumaz, vendeu a casa quando soube que tinha ganho uma outra num sorteio da "Vila do João", uma cidade pré fabricada, perdida no meio do mato a uns cem quilômetros dali. Ele vai lá dentro e volta com um papelzinho com o endereço de Jesus anotado.

Fernanda arrasta Jeová no meio da confusão da rua. Insistentemente, o menino quer saber o que vão fazer agora, o que a deixa transtornada. Grita que agora não sabe mais o que fazer, que ele foi uma desgraça que aconteceu na sua vida, que ela não o suporta mais. Ao se virar, vê ele correndo já bem adiante na rua. Corre atrás dele. Dá tudo de si na perseguição, mas ele, ágil, se distancia cada vez mais até que ela o perde de vista. Cambaleando, tonta de cansaço e de fome, ela continua procurando por ele naquele caos. Passa um bom tempo. No fliperama, nas barraquinhas de tiro ao alvo, de cachorro quente,

fisionomias parecidas, mas nada de Jeová. Ela já está quase sem forças, quando o enxerga entrando com uma porção de crianças na tenda do espetáculo circense "Telma, a Mulher Gorila".

No momento em que ela penetra na tenda, as luzes se apagam e se inicia o espetáculo. A voz do locutor começa o relato da história de uma mulher doce e graciosa que, quando irritada, se transforma em gorila e tem que fugir de casa para não machucar as pessoas que ama. Fernanda, fora de si, grita por Jeová, competindo com a voz do locutor. Diz que gosta muito dele, que pede desculpas, que não vai mais lhe fazer mal nenhum. Quase no escuro, passa em revista às crianças que se assustam com ela, imaginando que Fernanda possa fazer parte do espetáculo. Num truque primitivo, atrás do palco, a figura de uma mulher em transe começa a se metamorfosear em gorila. A narração chega ao auge. Fernanda vê tudo rodar e cai dura no chão. Jeová surge e se agacha junto dela.

Fernanda não reconhece o quarto onde acorda. César e Jeová estão sentados em duas cadeiras em frente à cama. César conta que Jeová veio chamar por ele, pedindo que os ajudasse. Ele a carregou até seu hotel. Ele conta que precisa partir, vai fechar a conta do quarto, mas que antes gostaria de convidá-los para comer alguma coisa no restaurante do hotel.

No restaurante, o garçom pergunta a César "o que seu filho vai querer". Fernanda pede logo uma cerveja. César parece não aprovar. Numa atitude pouco comum para seu jeito nada expansivo, ela desanda a falar do passado, do pai, funcionário graduado da Rede Ferroviária. Sua voz e seus modos, quase sempre ásperos, dão lugar a um tom mais suave, uma delicadeza insuspeitada. Jeová se atravessa na conversa, disputando a atenção de César. Quase hipnotizada por aquele advogado que julga íntegro e puro, ela, sem querer, acaba se insinuando para ele. Parece não notar o constrangimento e o nervosismo do homem, que belisca a borda da mesa com o garfo. Ele pergunta pela família dela. Surpreendentemente, ela revela que teve uma filha aos treze anos. Aquilo parece chocá-lo. Ela interrompe seu relato para ir ao banheiro.

Fernanda fica se olhando no espelho do banheiro. Uma mulher entra e passa batom. Ela pede o batom emprestado e começa a passar. De tanto ter perdido o hábito, esfrega o batom devagar, meio sem jeito, o olhar fixo na sua nova cara refletida no espelho. Ao voltar ela encontra a mesa vazia. À sua volta não há sinal dos dois.

César e Jeová estão na farmácia em frente ao restaurante. Numa atitude exagerada, Jeová faz uma careta e se contorce todo fazendo crer que está passando mal. César pergunta ao farmacêutico qual o remédio indicado para dor de barriga. Jeová diz a César que precisa contar a ele um segredo. Fala que Fernanda não desmaiou por causa da fome. Na verdade, baixou a Pomba Gira que costuma se manifestar nela de vez em quando. César fica horrorizado. Jeová completa que agora mesmo ele acredita que o Santo está se manifestando de novo. César avista Fernanda na porta do restaurante. A fisionomia dela está transformada pelo batom vermelho. Ele põe um dinheiro em cima do balcão para pagar pelo remédio e diz a Jeová que vai no banheiro da farmácia.

Ela deixa o restaurante e avista Jeová do outro lado da rua. Pergunta por César. Jeová informa que ele foi ao banheiro da farmácia. Enquanto esperam, Fernanda quer saber o que eles estavam fazendo ali. Meio sem jeito, Jeová desfia sua estória. Suspeitando de algo, Fernanda penetra na loja e encontra o banheiro vazio. Pergunta por César. O farmacêutico esclarece que ele saiu pelos fundos. Jeová diz que não precisa do remédio e apanha o dinheiro sobre o balcão.

Os dois estão de novo no pandemônio da rua, sem dinheiro e sem rumo. Jeová percebe o quanto Fernanda está arrasada. Ela diz ao menino ter certeza de que ele sabe o que aconteceu. Desconcertado, Jeová balbucia qualquer coisa. Passam ciganas querendo ler a mão. Fernanda devolve que eles não tem dinheiro. Jeová parece ter uma idéia. Diz para ela esperar um instante que ele já volta.

Ele vai até a papelaria e gasta o dinheiro do remédio em papel e lápis. Volta e estende suas compras para Fernanda. Ela

compreende a mensagem. Com uma mesinha emprestada do restaurante, Fernanda arma de novo seu escritório de escriba em Bom Jesus. Cliente é o que não falta na multidão analfabeta que passeia pela romaria. Jeová é o tesoureiro. Em breve os dois já estão de caixa cheia.

Eles vão passar a noite no hotelzinho. Na recepção, Jeová se adianta pedindo um quarto. O gerente ri daquele menino se comportando como cabeça da família.

Os dois deitam juntos na cama de casal. Fernanda pergunta o que Jeová disse para César para que ele desaparecesse. Jeová finge não entender a pergunta. Ela garante que não vai brigar com ele. Por fim, ele conta a verdade. Fernanda morre de rir e fica curiosa para saber de onde ele tirou essa idéia. Ele revela que costumava ir ao terreiro de macumba com sua mãe. Jeová pergunta para ela dos seus maridos. Ela comenta que ela deve ser a primeira mulher, fora sua mãe, a dormir com ele numa cama. Ele tenta mentir que já dormiu com muitas mulheres. Fernanda se diverte perguntando como foi. Ela custa a dormir.

De manhã cedo, os dois estão na rodoviária comprando passagem para Vila do João. O ônibus dessa vez é tão caquético que parece que vai se desmantelar. Eles viajam em pé, espremidos no meio dos romeiros que estão voltando para casa.

Fernanda e Jeová saltam na pequena rodoviária da Vila do João. Eles entram no posto telefônico e pedem orientação ao funcionário. Fernanda pergunta onde comer e o rapaz dá o endereço de uma cozinheira que recebe em casa.

As duzentas casas iguais, parecendo de brinquedo, dão a impressão de um cenário construído no meio do nada. Cansados, os dois vão logo à casa da cozinheira. A mulher os recebe dizendo que já acabou a comida. Fernanda insiste, mas a senhora se mostra irredutível. Jeová, histriônico, choraminga que está com fome. A mulher volta atrás, mas esclarece que vai demorar. Fernanda deixa Jeová na casa da mulher e vai sozinha procurar por Jesus. Sem muitas dificuldades, encontra a casa. As janelas e portas fechadas e o aspecto geral de abandono sugerem que a

casa deve estar desocupada. Ela bate palmas se anunciando. Chama por Jesus. Nenhuma resposta. Na segunda tentativa, aparece um senhor na janela da casa vizinha. Ela pergunta por Jesus. Ele explica que "Seu Jesus" morreu faz seis meses. A princípio tenso, de repente o rosto de Fernanda se ilumina.

Empolgada, ela volta correndo para a casa da cozinheira. Ao entrar na casa, depara-se na sala com uma família numerosa. Os móveis são outros. É a casa errada. Fernanda fica desamparada. A câmera sobe até vermos o labirinto de casas e Fernanda ali no meio. Por trás dela, surge Jeová, chamando-a e rindo de sua trapalhada. Fernanda sorri. Puxa Jeová pela mão sem se despedir da senhora e diz a ele que resolveu levá-lo com ela. Jeová reage bem à idéia.

Eles voltam ao posto telefônico. O funcionário a encaminha para uma das cabines. Fernanda liga para Marília. Conta que Jeová volta para morar com elas no Rio. Atordoada com a mudança de Fernanda, ela fica emocionada e vibra com a decisão de trazer o menino. No meio da conversa, entra um homem na telefônica falando com o funcionário. "Oi Isaías, veio uma senhora procurando por seu pai". Fernanda fica atenta à conversa, despede-se rapidamente de Marília e desliga. Vai pagar a conta. O rapaz a olha com atenção. Pergunta se era ela quem estava procurando por seu pai. Após hesitar por um momento, ela confirma. Diz ser uma antiga amiga de Jesus, que veio visitá-lo. Isaías olha para o garoto e pergunta o seu nome. Antes de Fernanda responder, é interrompida por Jeová, que adianta: "Gérson". Impaciente, o menino fala que eles têm que ir embora. Fernanda já está se despedindo do rapaz, quando ele os convida para comer na casa dele. A princípio relutantes, eles acabam aceitando.

Chegando na casa do rapaz, em outra parte do conjunto, eles conhecem outro homem, Moisés, irmão de Isaías, que trabalha num dos quatinhos da casa fazendo brinquedos de madeira como o pai. Jeová fica fascinado ao ver surgir da madeira um pião parecido com o seu. Da porta, Fernanda observa a cena.

Durante o almoço, Jeová se mostra satisfeito, ainda que calado. Eles falam sobre o pai. Explicam que ele fazia brinquedos, mas que, com a bebedeira, passara a fazer cada vez menos, até que sua mãe resolveu ir embora de casa levando seu irmão menor. Incomodado por ser mencionado, Jeová se levanta e vai ao banheiro. Isaias continua o relato dizendo que, assim que foi possível, eles compraram outra casa para morar longe do pai. Apesar disso, eles não tinham tido coragem de contar a morte do pai à mãe, que continuava se comunicando com o pai por cartas, que eles respondiam como se fossem o próprio.

Jeová permanece calado, cúmplice da ocultação da verdade para sua família. Fernanda observa que ele se entende bem com os outros. Isaias insiste para que eles passem a noite ali. Ela, tratando Jeová de forma reverencial e adulta como ele gosta, pergunta a ele o que acha da idéia. Jeová não diz nada. Pelo seu jeito, ela compreende que ele gostaria de ficar. O ônibus para o Rio parte mesmo no dia seguinte e assim eles tem onde pernoitar.

De noite, antes de dormir, Fernanda se senta na cama ao lado de Jeová. Ele pergunta se pode dizer o que acha dela. Ela aquiesce. Ele diz que ela é bonita, mas tem que botar um vestido mais bacana e passar batom de vez em quando. Ela, pela primeira vez, lhe dá um beijo e um abraço forte. Diz que ele é um grande e lindo homem.

O dia nasce limpo. O céu azul, pleno, próprio da terra seca. Depois de tomarem café, Jeová vai tomar banho e seus irmãos ficam na cozinha conversando. Fernanda caminha até a sala. Está triste, porém decidida. Retira do bolso a carta para Jesus e o pião de Jeová e os coloca em cima da mesa. Deixa a casa.

Alternamos entre Fernanda indo à rodoviária e Jeová no banho. Pressentindo algo, Jeová sai do banheiro enrolado na toalha sem se enxugar. Fernanda sobe num ônibus. O menino vai até a varanda procurando por ela. O ônibus parte. Jeová está no meio da rua, atônito.

Fernanda retira um papel da bolsa e começa a escrever para Marília. Surge em off a voz de Fernanda falando o conteúdo da

carta, enquanto vemos Jeová desolado na porta da casa e o ônibus que segue pela estrada. Fernanda fala da decisão que teve de tomar. Diz que está com muitas saudades dela, mas não está voltando para o Rio. Numa revelação surpreendente, que elucida suas atitudes com Marília e com Jeová durante o filme, deixa claro que Marília é sua filha. Ficamos sabendo que o pai de Marília a abandonou grávida. Ela diz que vai ser melhor para a filha passar uns tempos morando sozinha. Pára de escrever e olha para fora. Amassa o papel e o joga pela janela.

Fim